

O SÍTIO E A RUA: OS SITIANTES DE IPEÚNA FRENTE À INVASÃO DO CAMPO PELA AGRINDÚSTRIA

Samantha da Costa Teles Abdalla — UNESP
samtelles@terra.com.br

Objetivos

Analisar a comunidade de Ipeúna, a fim de identificar traços típicos da cultura camponesa e formas de resistência desta, diante das transformações do espaço pelo avanço da agroindústria.

Referencial Teórico

A pesquisa assume uma concepção cultural, a partir da perspectiva de DARCY RIBEIRO (1995), de que a cultura caipira é parte integrante e imprescindível enquanto formadora da identidade cultural de toda a nação brasileira. CANDIDO comprovou em seus trabalhos como as comunidades caipiras se organizam de maneira igualitária, sem a presença de hierarquia rígida, a não ser a patriarcal, quando o pai de família atua como o detentor do conhecimento necessário para a providência do sustento. O presente autor, ainda, definiu o que podemos classificar como um padrão de organização tanto econômica, social e religiosa da cultura caipira.

BRANDÃO esmiuçou a produção e os padrões de consumo dos alimentos do campesinato goiano, além das práticas rurais a estes ligados. .

Ellen e Klass WOORTMANN também estabeleceram padrões de comportamento social e cultural muito semelhantes aos acima descritos nos campesinatos nordestinos. Tais obras, por efeito de comparação, nos permite perceber uma forte semelhança de valores e simbologias que estão ligados a construção da identidade do campesinato brasileiro, além de identificarem padrões de sobrevivência muito parecidos entre si, apesar de serem comunidades distintas no tempo e no espaço que ocupam.

MAIRA ISAURA DE QUEIROZ revela a realidade campesina impressa nos bairros rurais paulistas, e, através destes, confirma aspectos da cultura caipira antes observados por CÂNDIDO.

THOMPSON vem enriquecer tais conclusões em “Costumes em Comum”, mostrando que esses padrões perduram por séculos e que não estão somente ligados a campesinatos brasileiros mas que são padrões fomentados por campesinatos ingleses, como trata em tal obra. Através da história da formação dos costumes campesinos podemos entender a formação de uma lógica diferenciada da lógica de produção capitalista, como bem explica, MARGARIDA MARIA MOURA ao explicitar a demonstração de CHAYANOV (Teoria da Economia Campesiana) em seu livro “Camponeses”.

CAIO PRADO JUNIOR e SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA constituíram as bases históricas para o presente trabalho, trazendo a luz a conformação da sociedade brasileira, e dentro dessa perspectiva a formação da cultura caipira. No recolhimento de fatos históricos, não posso deixar de citar SAINT-HILLAIRE que traz em suas anotações de viagens à “Província de São Paulo” no século XIX, valiosos flagrantes dos primeiros habitantes dos sertões paulistas.

Dentro da Antropologia clássica DURKHEIM e LEACH nos confere referências para desvendar os signos encontrados.

Metodologia

A dimensão dos procedimentos na metodologia utilizada constitui-se de entrevistas, da coleta de documentos e da observação empírica. Na definição de nosso objetivo, compreendemos que a tentativa de manutenção e sobrevivência de antigos costumes de uma cultura através de seus métodos de trabalho frente a uma outra cultura considerada invasora, se apresenta, como um ambiente privilegiado para observação da tensão existente entre a comunidade e a agroindústria.

Resultados

Apesar da incorporação de algumas técnicas modernas no meio rural tradicional brasileiro, a incorporação de valores tipicamente urbanos nem sempre ocorre, justamente porque, tais técnicas são vistas como forma de otimização da produção em defesa da preservação da lógica da unidade familiar de produção frente a agroindústria canavieira. As técnicas são mais avançadas mas os valores culturais ainda são os mesmos .

“A produção do capital nunca é capitalista, nunca é produto de relações capitalistas de produção, baseada pois no capital e no trabalho assalariado. quando o dinheiro, a riqueza, entra nesse último tipo de relação, já não estamos diante da produção capitalista mas da reprodução capitalista do capital. Só a reprodução é capitalista. Mesmo o crescimento deste capital não é produção mas reprodução capitalista ampliada” (MARTINS;1973;36)

O caipira tem por bases culturais, referências das matrizes culturais: indígena, européia e negra. O modo de vida caipira aparece como forma sobrevivência dentro das transformações que a sociedade brasileira sofreu ao longo da nossa história _ um campesinato diferenciado, que incorpora técnicas e produtos do mundo urbano-industrial, mas guarda um tradicionalismo prático e simbólico do modo de vida rural.

Os sítios de Ipeúna tem representado por seus hábitos e referências a lógica do pequeno proprietário rural, que tem na terra a provedora do sustento da família e não meio de acumulação de capital , a força de trabalho empregada não é representada por valores monetários mas sim por laços familiares ou de amizade e compadrio.

Dessa forma, a grande indústria canavieira representa o envenenamento do campo pela cidade, pela lógica da cidade e pelos alimentos da cidade.

A relação do homem com a natureza e com a cidade se diferencia pelo respeito que este confere a cada uma desses lugares e pela relação que constrói no seu cotidiano ; o lugar é mais que um local, Maria Isaura Pereira de Queiroz, citada por Brandão em “Territórios do Cotidiano”, lembra Georges Gurvitch:

“considera o espaço como uma realidade única, ele sugere que a maneira como ele se apresenta à consciência tanto individual como coletiva não é, por igual, uma realidade plena, mas uma construção múltipla que depende de várias perspectivas...Gurvitch distingue entre os espaços do cotidiano uma oposição entre espaços do mundo exterior e espaços sociais” (QUEIROZ;1973:CAP.3)

Ainda sobre esta questão de classificação e interpretação dos espaços Brandão comenta no mesmo artigo:

“Parece-me bastante útil aproximar esta oposição uma da outra , mais atual e provavelmente mais difundida. Yi-fu Tuan distingue uma relação de opostos entre o espaço e o lugar...o espaço configura porções do ambiente, frações de uma extensão de terras passíveis de serem transformadas em um lugar mediante um trabalho motivado de uso, ocupação e, sobretudo , de significado social...na medida que uma terra de natureza se transforma em um território social ao qual ao são atribuídos significados da cultura.É quando os seus espaços ao mesmo tempo que vão sendo ocupados por um grupo social, vão recebendo qualificadores que ademais de estabelecerem a diferença natural entre o próximo e o distante, o alto e o baixo (nem sempre e nem tanto natural Durkheim tentaria demonstrar), são requalificados como profano ou sagrado, produtivo e improdutivo, público e privado, destinado ao trabalho ou ao lazer...são incorporados a significados, valores e sistemas de prescrição de relacionamentos entre o homem e o ambiente, ou entre diferentes categorias de homens, através dos usos e sentidos do ambiente tornando um lugar social”(BRANDÃO, 1995:171)

A indústria canavieira, portanto, representa o invasor da comunidade e do espaço transformado e caracterizado conforme os signos caipiras, obrigando o desligamento do homem à terra através do arrendamento à usina.

A resistência desses sitiantes é claramente identificada pela forte ligação do homem com a terra e pelo orgulho que este demonstra ao cultivar e ocupar sua propriedade como a melhor forma que esta possa prover o sustento de sua família através do trabalho. Mesmo o arrendamento para a usina, sendo a forma mais lucrativa de ocupação do solo na região, a maioria dos sitiantes não se rende a este, por julga-lo “desonroso” à sua autonomia . À terra não é utilizada como meio de acumulação, e, sim, como meio de transformação do trabalho em alimento. O trabalho direto do pai de família com a terra torna-o digno do respeito de seus filhos e da comunidade.

Esse estudo explicita formas de resistência dos sitiantes de Ipeúna, enquanto classe social e universo cultural ameaçados, enquanto detentora de técnicas e valores arraigados à formação do campesinato brasileiro; como estratégias de afirmação de uma identidade camponesa.

A própria urbanização se dá como mera extensão do meio rural sendo que mesmo os conflitos ocorridos em zona urbana podem ser classificados como tipicamente rurais, os limites físicos entre zona rural e urbana se confundem e são quase impossíveis de se identificarem.A área urbana não é sequer considerada como tal pelos moradores da comunidade pois é referida pelos mesmos como “vila”, numa alusão entre o rural e o urbano .Somente as cidades próximas recebem a denominação de “cidade” justamente por estarem fora do ambiente de referenciais simbólicos rurais desta comunidade como relata Brandão em seu texto “Territórios do Cotidiano”:

“Entre os bairros e o sertão, entre a cidade (São Luis do Paraitinga) e a estrada de asfalto que vai a Taubaté à Ubatuba, Caçatuba, antiga São Pedro da Caçatuba, é a vila, a vilinha...

De algum modo vila está para a cidade assim como o sítio está para o bairro; de outro modo o bairro está para vila assim como o sertão está para o bairro.Um representa a transformação do outro e, ao mesmo tempo, o limite de sua realização.(...) A vila é um bairro que se tornou urbano.”(BRANDÃO ; 1995,161 e 162)

O município de Ipeúna está em meio a grandes centros urbanos. Geograficamente localizada ao centro-leste do estado de São Paulo, Ipeúna está na região administrativa de Campinas, tendo ao norte e a leste Rio Claro, ao Sul Charqueada e Piracicaba e a Oeste Itirapina e São Pedro.

A área urbana se divide em bairros, como Bela Vista, Altos de Ipeúna, Vila Aparecida, Jardim Nova Ipeúna, Jardim Primavera e Portal dos Nobres (Núcleo urbano Lajeado- condomínio afastado da área urbana da cidade que tem como vocação chácaras de recreação. A maioria dos proprietários são residentes em Rio Claro, sendo alguns inclusive de grandes centros como Campinas e São Paulo)

Na área rural existem aglomerados de casas, chamadas de Núcleos Rurais, como o Cabeça, Caieiras, Biri, Santo Inácio e São Lourenço.

A área urbana é carregada de valores tipicamente rurais, sendo que, inclusive as festas de maior importância para a comunidade acontecem nos Núcleos Rurais. As festas que tem como palco o sede social da Igreja tem exatamente o mesmo formato que as que ocorrem na zona rural, tendo como ponto alto da festa o leilão de animais vivos doados pelos sitiantes da cidade.

Os maiores proprietários de terras ou reconhecidamente tradicionais, tem suas residências no centro da cidade, a grande maioria inclusive, possui uma casa na área rural e outra na área urbana. A praça do centro é local reconhecidamente destinado a “gente conhecida”, são famílias que construíram uma sociabilidade a partir da convivência nas áreas rurais.

A organização de todo espaço urbano é referenciada por padrões rurais, desde ambientes mais íntimos até o espaço público. A zona rural funciona como um apêndice da vida rural.



S.T.A .foto 1 e 2: casas do centro da cidade – construção e organização do espaço tipicamente rurais – a maioria das casas tem quintais onde são desenvolvidos os cultivos ou mesmo a criação de pequenos rebanhos de gado seja para leite ou para corte.

A presença de animais no meio urbano é comum, o Prefeito recentemente coibiu a permanência de rebanhos dentro de área urbana causando conflitos, uma vez que, muitos são proprietários de

animais de grande porte (inclusive pequenos rebanhos de gado) que esses teriam que retirar seus animais de áreas urbanas.

Algumas casas além de terem cultivos e pomares de tamanho considerável, possuem também áreas de plantação de anapiê, uma espécie de capim que compõe juntamente com o milho e a cana o silo para gado tanto de leite quanto de corte.

O silo tem sido utilizado largamente na região por uma iniciativa de pequenos proprietários que sentindo necessidade de dinamizar a criação de gado buscaram informações a respeito do assunto e passaram tais informações a outros proprietários, promovendo assim uma verdadeira rede de trocas, costume bem conhecido no meio rural.



S.T. A .foto 3- trator carregado de anapiê que será triturado juntamente com o milho e a cana para a produção silo



S.T.A .foto 4: rancho para o trator ao fundo da casa

O mutirão também pode ser caracterizado em vários momentos da vida cotidiana do local, seja em festas religiosas ou mesmo particulares. Nunca se faz um aniversário ou casamento sem que as senhoras do local, conhecidamente excelentes cozinheiras, se responsabilizem pelas comidas (feitas preferencialmente em fogões caipiras, que é claro toda boa dona de casa tem no fundo do quintal).

A comida é preferencialmente aquela que foi cultivada pela família, o leite industrializado é visto com desprezo pelos habitantes, mesmo tendo um laticínio quase no centro da cidade, aqueles que não tem gado de leite ou parentes que o tenham, esperam o leiteiro que passa vendendo o leite cru em tambores, por o considerarem mais puro e mais forte. O leite do laticínio, assim como o queijo é considerado sem sabor.

O estilo quatrocentão e as representações arquitetônicas rurais se mantém na zona urbana, sendo que algumas são inclusive preservadas como “reliquias”, o que evidencia a preocupação com a preservação ambiental, cultural e histórica desta comunidade. Justamente, por isso, conflitos com

uma área de mineração na zona rural são constantes inclusive pela irregularidade das atividades da mesma.

Quanto a arquitetura das casas fica evidente a reprodução do estilo rural pela organização do espaço doméstico de forma que atenda a vida cotidiana. Na maioria das casas há duas cozinhas (uma dentro e uma fora) sendo que os mais abastados possuem normalmente uma cozinha com todas as facilidades tecnológicas dentro da casa, que funciona como uma sala de visitas, costumeiramente visitas menos íntimas, e, outra cozinha nos fundos, no alpendre, sendo aliás a varanda na frente da casa utilizada para o descanso da família ou lugar usado para receber pessoas de pouca intimidade, quanto mais varanda possuir a casa, mais abastada é considerada tal família.

A “cozinha de fora” é mais funcional, serve para o dia a dia, lugar onde são feitas as refeições familiares e onde se participa os mais próximos, nas famílias menos abastadas muitas vezes só se encontra uma cozinha, ou, uma cozinha muito simples dentro com no máximo mesa e cadeiras, e o fogão de lenha para fora, próximo do tanque.

O quintal ou terreiro e a cozinha é espaço fundamentalmente feminino, onde se encontra uma horta e uma criação de galinhas.



S.T. A.foto 5 :representação espaço feminino em uma casa na área rural

É no espaço feminino que se reproduz o mundo cultural através da criação dos filhos e dos gêneros alimentícios. Ao homem cabe a roça ou no caso, o sítio, que se encontra fora dos domínios da casa na cidade, porém há em quase todas as casas um rancho nos fundos onde se guardam as ferramentas e tratores.

O ritmo de trabalho é ditado conforme a luz do sol, ainda é muito comum que os homens saiam às cinco da manhã, almocem às nove horas, tomem café entre meio dia e uma hora da tarde e estejam de volta na cidade às quatro horas da tarde. O horário de verão é muitas vezes ignorado pela maioria da população sendo respeitado somente pelos funcionários do banco e da prefeitura.

A própria movimentação da cidade é regulado conforme a época do ano produtivo ou da época de engorda do gado, época do ano que os homens tem mais trabalho (julho à novembro) devido a produção do silo ou “trato” como é definido pela comunidade a alimentação dada ao gado. Os que tem gado leiteiro costumam oferecer silo o ano inteiro para os animais mas na época das chuvas o trabalho é menos intenso devido a oferta de pasto.

Em outras épocas do ano a maior preocupação é com os cultivos que serão destinados a produção do silo – cana, milho e anapiê – produtos que inclusive tem suas mudas compartilhadas pelos moradores da comunidade, e, mesmo o preparo da terra e o plantio são feitos em movimentos de

mutirão, sendo que, quando não é possível o mutirão, há o empréstimo de implementos agrícolas, de forma que facilite o trabalho dos vizinhos que não os possuem.

Na época de menos trabalho os homens costumam cultivar mandioca ou outras culturas que mais agradem suas famílias. O milho verde para a família é sempre cultivado próximo a casa, uma vez que, este será destinado ao consumo familiar e portanto o trato e a colheita são tarefas femininas.

Há também um cuidado em relação a realização das atividades reguladas lua, por exemplo, não se castra animais em lua cheia porque o perigo de inflamação é maior, perguntando o motivo da lua cheia causar infecções em caso de castração, obtive a resposta que a lua cheia “mexe” com o instinto sexual tanto dos homens quanto dos animais, por isso a ferida “arruina”; além disso, costumam atribuir a mudança de cor da pelagem de um animal à lua na qual este foi castrado. Nascimentos tanto de animais quanto de bebês acontecem sempre na virada da lua, assim como a primeira chuva depois de um período de estiagem acontece na virada da lua minguante para a nova, as mudas de plantas também só são tiradas e replantadas na lua nova. Além de se orientarem pelos elementos da natureza os atores dessa comunidade recorrem muito freqüentemente a benzedeadas ou rezadeiras, figuras que representam a intermediação entre o real e o imaginário ou entre o mundo social e o natural ou não social. Muitas vezes são atribuídas a essas benzedeadas o poder de “desfazer” algum mal de responsabilidade de seres sobrenaturais moradores das matas ou de ambientes não sociais, diferentemente dos santos que “habitam” um lugar social, a igreja, e, por esse motivo podem ser clamados sem intermediação.

“...os territórios naturais socializados - tornados usuais, palmilhados e partilhados, classificados segundo o seu uso e também segundo seus valores como lugar de vida e sentido, nominados e os espaços naturais nunca ou ainda não socializados – desconhecidos, evitados imaginados para além de um conhecimento experiencial...” (BRANDÃO, 1995, 168)

Outro traço bem característico da cultura caipira é encontrado com muita nitidez nesta comunidade: o compadrio. O compadrio foi desde a época colonial praticado intensamente com a intenção de aproximar as famílias de mesmo nível social e econômico a ponto de se considerarem da mesma família; ou, de obter algum apoio para a criança apadrinhada quando o padrinho é escolhido segundo suas posses ou prestígio social.

A unidade de produção familiar camponesa não se detém apenas nos parentes mais próximos, lançando mão do que conhecemos por “compadrio”; as relações se multiplicam estabelecendo “uma rede de relações de parentesco, de vizinhança de territorialidade, que o permite definir-se enquanto grupo” (CASTRO OLIVEIRA, 1996, 8)



S.T.A. -foto 6 e7 – preservação de antigas casas apesar de novas construção e preservação de casa centenária (as rachaduras são conseqüências das constantes explosões provocadas por um área de mineração a menos de 100 m do local. A proprietária do sítio moveu um processo contra o calcário)

Conclusões

Apesar de não haver nenhum movimento institucionalizado de resistência essa se evidencia em nas ações cotidianas tornando assim a institucionalização desnecessária pois a coesão das atitudes da comunidade extrapola os níveis burocráticos e a instituição se materializa na própria comunidade.

“A cana dá mais por alqueire, hoje até é o que mais dá. Dá mais ou menos 5400 real por alqueire bruto, mas quando cê vai descontar o adubo, o corte, o frete, enfim tudo né; porque a usina só quer a cana, você paga tudo; se cê ainda for o dono da terra sobra no máximo uns 500 real, senão, se for arrendar de alguém pra plantar e depois vender para a usina, aí cê tá perdido, porque aí num sobra nada mesmo. E mesmo se a terra for sua, tem que vê que a cana dá nos primeiros cinco anos, depois, muito, nem com adubo dá mais e cê fica com o sítio acabado... A terra fica envenenada, a água que tiver também fica. Porque o veneno que joga na cana é forte e tem que jogar muito senão num diante, e se for arrendatário joga até nos rio porque o sítio num é dele mesmo, ele quer salvar a cana que dá muita doença; aí num sobra nem as cerca, apodrece tudo os fio de arame. Cana é bão pra viúva, porque se for para enche de mato pelo menos serve para cana, senão num serve de adianto pra vida de ninguém, só faz andá pra trás” (I. A ., sitiante do bairro rural Canta Galo).

A educação para a cidadania, situada nas relações morais, próprias da macropolítica, fazem parte da lógica da comunidade, ocorrendo, no entanto, num ambiente situado no urbano as relações moleculares típicas do ambiente rural , próprio da micropolítica, pois, se refere a valores arraigados a própria noção de produção desta cultura. A “lógica capitalista” destrói a “lógica camponesa”, quando interfere na forma de produção do homem local. Dessa forma, altera a relação do homem com a terra e inverte todas as outras formas de relação desse homem com sua comunidade.

Referências bibliográficas

ARANTES NETO, A . A . **A sagrada Família: Uma análise do Compadrio.** Cadernos da IFCH, n° 5, UNICAMP/Brasiliense, 1975, p.7 a 14

BRANDÃO, C.R., **Plantar, Colher, Comer.** Rio de Janeiro, 1981, Edições Graal LTDA., 181 p.

BRANDÃO, C. R. **Do Sertão a cidade: os territórios da vida e do imaginário tradicional.** In: MESQUITA, Z. Territórios do Cotidiano : uma introdução a novos olhares e experiências. Rio Grande do Sul, EDUNISC/Editora da Universidade UFRGS, 1995, p.160 a 182.

CANDIDO, A ., **Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** Col. Espírito Crítico, São Paulo, Editora 34, Livraria Duas Cidades, 9ª Edição, 2001, 372 p.

CARDOSO, R. C. L.(org), **A aventura antropológica teoria e pesquisa,** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 107 a 125.

CASTRO OLIVEIRA, Bernadete A C , **Tempo de Travessia, Tempo de Recriação: profecia e trajetória camponesa,** São Paulo, Tese de Doutorado, DA/FFLCH/USP, 1998.

DURKHEIM, E. & MAUSS M., **Algumas Formas primitivas de Classificação.** In: DURKHEIM, E., - RODRIGUES, J.A.(org), Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1984, p.183 a 203.

DEMARTINI, Z. B.F. **Trabalhando com relatos Oraís: Reflexões a Partir de uma Trajetória de Pesquisa.** In: LANG, A.B. S.G.(org) Trabalhando Sobre a Pesquisa Sociológica. São Paulo, CERU, 1992, p. 42 a 60.

HOLANDA, S.B. **Raízes do Brasil.** São Paulo, 26ª edição, Companhia das Letras, 2003,

220 p.

LEACH, E., **Aspectos Antropológicos da Linguagem : Categorias Animais e insulto Verbal.** In: DURKHEIM, E., - RODRIGUES, J.A.(org), Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1983, p.170 a 197

MELLO, L.G., **Atropologia Cultural: Iniciação, Teorias e Temas.** 4ª edição, Petrópolis, Vozes, 1987, 526 pág.

MACHADO, H.M. F.G. & outros, **Atlas municipal escolar de Ipeúna.** 1ª edição, Rio Claro, FAPESP, 2000, 56 p.

MONBEIG, Pierre, **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo,** São Paulo, Hucitec/Poli, 1984.

MOURA, M.M., **Camponeses.** Série Princípios, São Paulo, Ática, 1986, 78 p.

MULLER, Nice Lecoque – **Sítios e sitiantes no Estado de São Paulo** – Geografia n.7 – Boletim 132, FFLCH/USP – SP, 1951.

OLIVEIRA, A .U , **A Geografia Agrária e as Transformações Territoriais Recentes no Campo Brasileiro.** São Paulo, 1998, p. 63 a 110

-Barbárie e Modernidade: As transformações no campo e o agronegócio no Brasil, Terra livre, São Paulo – Ano 19, vol.2, nº21 – Jul/Dez de 2003.

PICCINI, A ., **A Casa de Babilônia: estudo da habitação rural do interior de São Paulo,** 1ª edição, Editora Comunicação, Pinheiros, 1996, 165 pag.

PRADO JÚNIOR, C. **Grande Lavoura. Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia.** 9ª edição, Editora Brasiliense, 1969, p.130 a 168

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil,** 29ª edição, Editora Brasiliense, 1983, p 9 a 12 e p. 49 a 100

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I., **Bairros Rurais Paulistas, dinâmicas das relações bairro rural – cidade, São Paulo,** Livraria Duas Cidades, 1973, 157p.

RIBEIRO, D., **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil,** São Paulo, 2ª edição, Companhia das Letras, 2002, 475 p..

SAINT-HILAIRE, A ., **Viagem à Província de São Paulo e Resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai.** In: MORAES, R. B.(org e trad.), São Paulo, Livraria Martins, 1922, 375p.

TUAN, Y.F., **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** In: OLIVEIRA, L.(trad.), São Paulo, DIFEL, 1983, 250 p.

WOORTMANN, E.F. & WOORTMANN, K., **O Trabalho da terra : a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília** – DF, Editora UNB, 1997, 192 p.

ZULAR, A ., **Teoria e Prática do Trabalho de Campo: Alguns Problemas.** In: